

UMA REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADE

Gabriela Fantin*

Gustavo Dalpizzol**

Taisa Trombetta DeMarco***

Resumo

O presente estudo teve como objetivo, analisar e refletir sobre as práticas homossexuais e bissexuais através da história, bem como entender o motivo do preconceito predominante do século XXI. Quanto à metodologia, foi de cunho qualitativo e exploratório, de fonte secundária, baseado em levantamento bibliográfico. Quando assumido dessa forma, a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na internet. Percebeu-se com a pesquisa que a aceitação ou não de determinados comportamentos ou regras sociais variam de acordo com a cultura, época e dependem de uma construção sociocultural. Desta forma, o preconceito e discriminação sofridos por indivíduos homossexuais e bissexuais é um reflexo do contexto sócio-histórico-cultural.

Palavras-chave: Homossexualidade. Bissexualidade. Preconceito.

1 INTRODUÇÃO

O preconceito e a homofobia são situações cada vez mais frequentes na sociedade do século XXI. Pensando nisso, a intenção do presente artigo foi investigar e procurar entender a formação das concepções sobre sexualidade nos agrupamentos sociais humanos, o papel das práticas homossexuais no decorrer da história, desde quando existem e por que passaram a ser vistos como um problema para a sociedade.

O termo "sexualidade" foi conceituado e começou a ser utilizado referenciando a busca ou expressão de prazer, a partir do século XIX (FOULCALT, 1998 apud SANFELICE, 2010) e trouxe consigo vários novos conceitos e pensamentos que são comumente alvos de curiosidade e opiniões polêmicas. Entre estes conceitos, destaca-se a homossexualidade e a bissexualidade, como os maiores divisores ou contradições no que diz respeito aos assuntos de ordem sexual.

Inicialmente, o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo era conhecido como "homossexualismo", definido pela medicina a partir do século XIX e considerada uma doença fisiológica. Mais tarde, no século XX, Freud com sua teoria, ganhou visibilidade e considerou tal "fenômeno" como um desvio no desenvolvimento sexual, ou seja, o termo "homossexualismo" referia-se a uma anormalidade funcional do ser humano. O conceito de doença física ou de ordem mental perdurou até 1973, quando a Associação Psiquiátrica Americana (APA) desconsiderou a homossexualidade como uma patologia e passou a considerá-la como uma orientação sexual (ALVES; TSUNETO, 2012).

Ao mesmo tempo, é válido lembrar que os homossexuais não são os únicos a sentirem atração sexual pelo mesmo sexo. Os bissexuais sentem atração sexual por ambos os sexos. É importante salientar que os bissexuais se encontram como uma das maiores vítimas desse processo, pois sofrem discriminação não apenas dos grupos heterossexuais, mas também dos grupos homossexuais. Normalmente quando se trata do julgamento heterossexual, os bissexuais são tachados como imorais ou tratados como pessoas sem pudor. Já no que se refere à discriminação por parte dos homossexuais, os indivíduos bissexuais são categorizados como indecisos, "covardes" ou os que "não saíram do armário". Além desses motivos, os bissexuais foram erroneamente responsabilizados por supostamente transmitirem o Vírus da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) que pegaram dos homossexuais para as mulheres no auge da epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) (SEFFNER, 2003).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 UMA REFLEXÃO SOBRE A SEXUALIDADE

Fala-se muito sobre temas que envolvem preconceitos referentes à orientação sexual. O homem vive há muitos anos em uma sociedade denominada heteronormativa, ou seja, baseada no pressuposto de que a heterossexualidade é de certa forma compulsória, por ser logicamente coerente, privilegiada e superior diante de outras orientações sexuais (BERLANT; WARNER, 2002). Portanto, não causa excessiva estranheza o fato de que homossexuais e bissexuais não são aceitos como iguais aos heterossexuais e não compartilham dos mesmos direitos.

O relacionamento entre indivíduos do mesmo sexo existe há séculos, tanto no reino animal como nas comunidades humanas. Além disso, podem ser encontrados em diversas culturas através da história, como exemplo na Roma Antiga, local e período em que a bissexualidade era comum, mas neste contexto histórico, não havia uma definição clara referente às práticas sexuais. Aceitava-se com naturalidade na elite romana que os homens de poder mantivessem relações sexuais com homens ou com mulheres, conforme lhes fosse mais satisfatório, desde que impusessem sua virilidade. Existiam nesse contexto, rapazes escravos que serviam aos seus senhores na satisfação dos desejos sexuais, já que às mulheres, essa prática sexual não era permitida (CHAVES, 2007).

Com o surgimento da moral religiosa e com a popularização dos costumes cristãos, o ser humano começou a desenvolver uma espécie de sentimento de culpa que originava uma conseqüente aversão aos comportamentos e relações sexuais, pois os desejos carnis eram considerados por estas correntes religiosas como pecaminosos e em algumas situações, como heresia. Posteriormente, com a instauração da cultura inquisitória pela Igreja Católica Apostólica Romana e pelo Estado, aqueles denominados “hereges” em decorrência de comportamentos “pecaminosos”, se acusados, eram caçados e submetidos a terríveis torturas

(PINTO, 2010). Se até mesmo as relações heterossexuais eram condenadas nesse contexto, torna-se lógico supor que seria considerado ainda mais grave o pecado quando se tratasse de desejos carnis pelo mesmo sexo. Considerava-se que com este comportamento, se tornariam expostas e cristalinas apenas à luxúria e o prazer do indivíduo, não mais a reprodução. Como exemplo da aplicação desta ideia, observa-se no Antigo Testamento da Bíblia (1990, p. 130) em Levítico 20,13 "[...] O Homem que deita com outro homem, como se fosse mulher, está cometendo uma abominação. Os dois são réus de morte, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos". Com o passar do tempo, houve uma reconstrução e evolução da ideia cristã. No Novo Testamento, o amor e a aceitação ao próximo foram idealizados como conceitos centrais dos ensinamentos religiosos. Ademais, a evolução da ciência desconsiderou as práticas homossexuais como uma anormalidade.

No contexto atual, de acordo com Mendes (2008, p. 252) desde 1992, a Organização Mundial da Saúde (OMS) indica que a homossexualidade não deve mais ser considerada como uma doença, retirando-a da Classificação de Transtornos Mentais e do Comportamento (CID-10). Consequentemente, não sendo mais considerada uma patologia, não está incluída no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – IV).

Como forma de "lutar" contra a discriminação e o preconceito, surgiu no Brasil, no final da década de 70, um movimento formado pela comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT). O movimento homossexual, juntamente com movimento feminista e o movimento negro, continham propostas de transformação para o conjunto da sociedade, objetivando abolir hierarquias sociais, principalmente as relacionadas a gênero e a sexualidade (FACCHINI, [200?]). A luta da comunidade LGBT, que ainda é forte, contribuiu para uma melhoria social no que diz respeito a igualdade. Apesar de todas as dificuldades, a comunidade vem conquistando seu espaço merecido na sociedade, porém, ainda hoje, o preconceito é notório e subsiste.

Com base no histórico da homossexualidade e da bissexualidade, percebe-se que os fatores históricos e sociais possuem notável importância

na construção da sexualidade dos indivíduos, principalmente nos aspectos culturais, nos seguimentos religiosos e na evolução científica. Nesse sentido, pode-se vislumbrar a aplicação da teoria de Foucault (1999) que afirma que a sexualidade é um dispositivo de poder construído historicamente e culturalmente.

3 CONCLUSÃO

A evolução histórica sobre a percepção das práticas sexuais, cuja alteração pode ser observada através dos séculos e a mudança brusca pode ser percebida em diferentes culturas, são as provas de que a aceitação ou não de determinados comportamentos ou regras sociais (decorrentes de tais comportamentos ou não) depende de uma construção sociocultural.

O ser humano não é um animal qualquer, que vive baseado apenas em seu instinto reprodutor. Mas sim, um ser cognitivo que pensa suas ações, as quais são repletas de emoções, sentimentos, desejos e sensações. Portanto, a raça humana é composta por seres sociais e que dependem de uma comunidade para se desenvolverem como seres humanos. Segundo Lane (1994), o ser humano desde seu nascimento, necessita de outras pessoas para sobreviver, por isso, desde o início da vida o indivíduo se insere em um contexto histórico-social.

Desse grupo social, onde estão inseridos, herdamos grande parte dos costumes, crenças, opiniões e conseqüentemente, os preconceitos. Constroem e são construídos. Com a sexualidade não é diferente, nem seria esperado que fosse. Se é estranha a orientação sexual de uma pessoa, o problema (se é que ele existe) está em como esse indivíduo é percebido na sociedade e não na sua orientação sexual.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. F.; TSUNETO, L. T. A orientação homossexual e as investigações acerca da existência de componentes biológicos e genéticos determinantes. *ScireSalutis*, Aquidabã, v.3, n.1, p.62-78, 2013.

BERLANT, L.; WARNER, M. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. (editor) *Sexualidades Transgressoras*. Barcelona, Içaria, 2002. p.229-257.

CHAVES, H. G. O amor entre homens no império romano e suas representações de poder. 2007. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc \(22\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(22).pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. [200?]. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx>. Acesso em: 13 nov. 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LANE, S. T. M. *O que é psicologia social?* 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MENDES, Sandra Magrini Ferreira. Homossexualidade: A concepção de Michel Foucault em contraponto ao conhecimento neurofisiológico do século XXI. *Encontro: Revista de Psicologia*, São Paulo, v. 11, n. 16, p.249-262, out. 2008. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/view/2574/2457>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

PINTO, Felipe Martins. Inquisição e cultura inquisitória. *Rev. Fac Direito UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 56, p.189-206, jan. 2010. Disponível em: <www.polos.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/download/116/108>. Acesso em: 13 nov. 2016.

SANFELICE, P. P. Sexualidade, amor e erotismo na Roma Antiga: Representações de Vênus nas paredes de Pompeia. *Opsis*, Catalão, v. 10, n. 2, p.167-190, jul. 2010.

SEFFNER, F. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4340>>. Acesso em: 14 out. 2016.

Sobre o(s) autor(es)

* Graduanda do Curso de Psicologia da Unoesc Campus Videira (SC). E-mail: fantingabriela15@gmail.com

**Psicólogo. Especialista em Gestalt-Terapia, IPG (PR). Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Unoesc. Mestre em Psicologia UFSC. E-mail: gustavodalpizzol@yahoo.com.br

***Psicóloga. Especialista em Análise Bioenergética e Psicoterapia Corporal ORGONE. Pós-graduação em Administração de Recursos Humanos UNIVALI. Mestre em Psicologia UFSC. E-mail: taisa.demarco@unoesc.edu.br